

A TEOLOGIA PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA E SEUS PILARES TEOLÓGICOS: UMA ANÁLISE DA MENSAGEM DOS PIONEIROS.

ASSEMBLY OF GOD PENTECOSTAL THEOLOGY AND ITS THEOLOGICAL PILLARS: AN ANALYSIS OF THE MESSAGE OF THE PIONEERS.

Dablio de Araujo Mendes ¹

Julio Cesar de Santana Gonçalves ²

RESUMO

Este artigo reflete sobre a Teologia Pentecostal Assembleiana, analisando os pilares teológicos que a fundamentam. A pesquisa inicia-se com uma contextualização histórica do movimento pentecostal, traçando suas origens globais no início do século XX, com destaque para a Escola Bíblica Betel e a Missão da Rua Azusa, e acompanhando sua subsequente consolidação no cenário Brasileiro, culminando na formação da Assembleia de Deus. Essa trajetória histórica é crucial para compreender a gênese da necessidade de uma sistematização doutrinária, que se tornou imperativa diante do rápido crescimento e da diversidade de interpretações que emergiam. O ponto central desta pesquisa está na análise dos quatro pontos teológicos centrais que definem a doutrina pentecostal Assembleiana: Jesus Salva, Jesus Cura, Jesus Batiza no Espírito Santo e Jesus em Breve Voltará. Cada um desses pilares é explorado em profundidade, demonstrando sua relevância histórica, teológica e prática para a fé pentecostal. A abordagem metodológica, embora não explicitamente detalhada como uma seção formal, baseia-se em uma pesquisa bibliográfica e documental rigorosa, utilizando fontes primárias e secundárias para fundamentar as análises e discussões apresentadas ao longo do texto.

Palavras-Chave: Teologia Pentecostal. Assembleia de Deus. Pilares Teológicos.

¹ Graduando em Teologia pela Escola Teológica da Assembleia de Deus – ESTEAD/Polo Carpina.

² Mestre em Administração e Bacharel em Administração pela UFPE, Pós-graduação em Finanças pela Universidade Mackenzie e Bacharel em Teologia pela FABAD.



ABSTRACT

This article reflects on Pentecostal Assemblies of God Theology, analyzing the theological pillars that sustain it. The research begins with a historical contextualization of the Pentecostal movement, tracing its global origins in the early 20th century, with emphasis on the Bethel Bible School and the Azusa Street Mission, and following its subsequent consolidation in the Brazilian context, culminating in the formation of the Assemblies of God. This historical trajectory is crucial to understanding the genesis of the need for doctrinal systematization, which became imperative in light of the rapid growth and the diversity of interpretations that emerged. The central focus of this research lies in the analysis of the four main theological points that define Assemblies of God Pentecostal doctrine: Jesus Saves, Jesus Heals, Jesus Baptizes in the Holy Spirit, and Jesus Will Soon Return. Each of these pillars is explored in depth, demonstrating its historical, theological, and practical relevance to Pentecostal faith. The methodological approach, although not explicitly detailed as a formal section, is grounded in rigorous bibliographical and documentary research, drawing on both primary and secondary sources to substantiate the analyses and discussions presented throughout the text.

Keywords: Pentecostal Theology. Assemblies of God. Theological Pillars.

INTRODUÇÃO

A Teologia Pentecostal Assembleiana representa um campo de estudo amplo e multifacetado. Por essa razão, busca-se compreender de forma mais enraizada os pilares teológicos da formação da Assembleia de Deus, cuja base doutrinária está na mensagem de seus pioneiros. Nesse sentido, e com base nos pilares que estão expostos ao longo deste artigo, aborda-se os aspectos centrais da fé pentecostal, como a salvação pela fé em Jesus Cristo, a Cura Divina, o Batismo no Espírito Santo e a Segunda Vinda de Cristo. Vale salientar que esses elementos que compõem essa teologia, surgiram no contexto do movimento pentecostal o qual consolidou-se como uma das maiores expressões do Cristianismo contemporâneo.

No cenário Brasileiro, a propagação do movimento pentecostal e a mensagem dos pioneiros culminaram na formação da Assembleia de Deus, que se tornou a maior denominação protestante do país, exercendo profunda influência na cultura e na sociedade. Compreender esses pilares teológicos que sustentam essa fé é essencial para analisar sua trajetória,



sua relevância atual e seu impacto contínuo. Neste artigo, buscamos responder à seguinte pergunta: Quais os pilares teológicos sob os quais se assenta a Teologia Pentecostal Assembleiana? Assim, o objetivo central desse artigo é explorar o contexto histórico do movimento pentecostal, desde suas origens até a gênese da necessidade doutrinária, e nos quatro pontos teológicos centrais que definem a doutrina pentecostal Assembleiana: Jesus Salva, Jesus Cura, Jesus Batiza no Espírito Santo e Jesus em Breve Voltará.

Através dessa análise, oferece-se uma compreensão clara e abrangente dos fundamentos teológicos da fé pentecostal da Assembleia de Deus, contribuindo para o debate teológico e para o reconhecimento da riqueza de sua herança doutrinária. A abordagem metodológica, embora não explicitamente detalhada como uma seção formal, baseia-se em uma pesquisa bibliográfica e documental rigorosa, utilizando fontes primárias e secundárias para fundamentar as análises e discussões apresentadas ao longo do texto.

1. O CONTEXTO HISTÓRICO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL E A GÊNESE DA NECESSIDADE DOUTRINÁRIA

O movimento pentecostal, que emergiu no início do século XX, representa um dos maiores avivamentos da história do Cristianismo. Sua gênese está intrinsecamente ligada a uma busca por uma experiência espiritual mais profunda e dinâmica, fundamentada pela crença na continuidade dos dons espirituais descritos no Novo Testamento. As origens do Pentecostalismo moderno são frequentemente associadas e influenciadas aos eventos e figuras-chave que impulsionaram o movimento pentecostal. Segundo Donald Dayton (1987), uma das influências ou porque não dizer nascedouro deste Movimento foi o Movimento da Santidade, tanto por sua face Wesleyana como também pela face Keswickiana. Entendemos que um dos marcos iniciais mais importantes, é sem dúvida a Escola Bíblica Betel, em Topeka, Kansas, liderada por Charles Fox Parham em 1901 (Gonçalves, 2022). Foi ali que Charles Fox Parham e 40 alunos dessa Escola, ao estudarem o livro de Atos, concluíram que o Batismo no Espírito Santo tinha como a evidência inicial o falar em línguas (Oliveira, 2023).



No entanto, o epicentro do avivamento pentecostal se deslocou para a Missão da Rua Azusa 312, em Los Angeles, Califórnia, sob a liderança de William J. Seymour. Seymour foi um pregador afro-americano que também foi aluno de Charles Fox Parham e também Batizado no Espírito Santo com a evidência bíblica em falar em línguas, junto a outros sete irmãos. Entre os anos de 1906 à 1909, a Missão da Rua Azusa tornou-se um caldeirão de fervor Espiritual, onde cristãos de diversas etnias e classes sociais experimentavam o Batismo no Espírito Santo, curas divinas e outras manifestações carismáticas (Oliveira, 2023). É preciso lembrar que nesse contexto do derramamento do Espírito Santo em Azusa, há uma conexão com o avivamento em Gales, que influenciou diretamente este avivamento devido ao ambiente de oração e expectativa que o precedeu. O autor Bartleman registra que houve intensa intercessão, jejum e expectativa entre os crentes que ansiavam por uma nova visitação do Espírito Santo (Bartleman, 1925).

A partir desse aspecto histórico, compreendemos que o avivamento da Rua Azusa não apenas popularizou a mensagem pentecostal, mas também serviu como um centro de irradiação, enviando missionários e pregadores para diversas partes do mundo, disseminando a doutrina e a experiência pentecostal (Oliveira, 2023). Como exposto ao longo deste ponto, o movimento pentecostal teve seu ápice no avivamento da rua Azusa 312, expandiu-se rapidamente, alcançando diferentes continentes e culturas. Missionários e convertidos levaram a mensagem pentecostal para a Europa, Ásia, África e América Latina, adaptando-a aos contextos locais e dando origem a diversas denominações pentecostais independentes, mas com um elo comum na ênfase Pneumatológica da experiência no Espírito Santo.

No Brasil, a chegada do pentecostalismo está intrinsecamente ligada a duas fases: A primeira fase teve início com a vinda de Luigi Francescon, da confissão valdense, que saiu da Itália rumo aos Estados Unidos. Lá recebeu o Batismo no Espírito Santo na Missão da Avenida Norte, liderada por William H. Durham, em Chicago e em 1910, Francescon chegou ao Brasil e fundou, em São Paulo, a Congregação Cristã no Brasil, considerada a primeira igreja Pentecostal do país (Oliveira, 2023). A segunda fase ocorreu com a chegada dos missionários suecos Daniel Gustav Högberge e Adolph Gunnar Vingren, que chegaram ao Brasil em 19 de Novembro de 1910, no porto de Belém do Pará. Os missionários que um ano antes da sua chegada no Brasil tinham



recebido o Batismo no Espírito Santo, após eles se reunirem em um sábado na casa de um irmão que teria sido Batizado no Espírito Santo (Vingren, 2000), em uma dessas reuniões nos sábados que reunidos oravam, um irmão por nome Adolfo Ulldin foi Batizado no Espírito Santo e além do dom de línguas, o irmão recebeu alguns dons a mais e todos se maravilharam naquele ambiente, até que Ulldin usado pelo poder do Espírito Santo, profetizou em português que Daniel Berg e Gunnar Vingren precisavam ir para o Pará e que iriam testificar de Jesus Cristo a um povo de um nível social muito simples (Vingren, 2000).

A chegada dos missionários em Belém – PA, trouxe uma compreensão a alguns irmãos da Igreja Batista em Belém, essa compreensão foi sobre o Batismo com Espírito Santo. Entre esses irmãos que compreenderam a necessidade do Batismo no Espírito Santo estavam as irmãs Celina de Albuquerque e Maria Nazaré que, ao buscarem o Batismo no Espírito Santo, receberam o dom de línguas, ou seja, o revestimento de poder. Esse fato histórico gerou controvérsia na igreja Batista, culminando na expulsão de 13 membros que aceitaram a mensagem pentecostal; posterior a isso, no dia 18 de junho de 1911, foi fundada a Missão de Fé Apostólica, com cultos realizados na casa da irmã Celina (Araujo, 2011). Todavia, somente em 1918 que a igreja passou a ser chamada de Assembléia de Deus. Segundo o Mensageiro da Paz (Junho de 2011):

No dia 11 de janeiro de 1918, Gunnar Vingren registrou o Estatuto da igreja no Cartório de Registro de Títulos e Documentos do 1º ofício, em Belém, no Livro A, nº 2, de Registro Civil de Pessoas ou outros papéis, número de ordem 131.448, sob o nome ‘Estatuto da Sociedade Evangélica Assembleia de Deus’, número de ordem 21.320, do Protocolo nº 2. Os extratos do Estatuto foram publicados no Diário Oficial do Estado do Pará, sob nº 766524.

Com esse registro, a igreja começou a existir legalmente como pessoa jurídica, adequando-se aos artigos 16 e 18 do primeiro Código Civil Brasileiro, que acabara de entrar em vigor em 1º de janeiro de 1917. Entendemos que a mensagem de um evangelho completo, que incluía o Batismo no Espírito Santo e a cura divina, encontrou forte ressonância entre a população, resultando em um crescimento exponencial da



denominação. A Assembleia de Deus no Brasil cresceu tornando-se a maior denominação protestante do país e uma das maiores igrejas pentecostais do mundo. A espiritualidade dos missionários suecos era profundamente marcada por uma herança pietista, que valorizava a experiência de conversão pessoal, a vida devocional intensa, a santidade e a comunhão com Deus. Esses elementos influenciaram significativamente a liturgia e a ênfase prática da igreja nascente no Brasil (Siqueira, 2020).

Com o rápido crescimento das Assembleias de Deus e a diversidade de interpretações que surgiam, tornou-se evidente a necessidade de uma sistematização doutrinária. A ausência de um corpo teológico coeso poderia levar a desvios doutrinários e à fragmentação do movimento. Assim, a gênese da necessidade doutrinária no pentecostalismo, e especificamente na Assembleia de Deus, foi impulsionada por diversos fatores, tais como a consolidação da fé, unidade e identidade, apologética, e formação de lideranças.

Desde os seus primeiros anos, a Assembleia de Deus demonstrou forte compromisso com o ensino da Palavra e a edificação da fé de seus membros. A Escola Bíblica Dominical (EBD) é um sinal deste compromisso, presente desde agosto de 1911 (dois meses depois da fundação das Assembleias de Deus), tornou-se o principal meio de consolidação da fé e da formação cristã contínua para crianças, jovens e adultos (Araujo, 2011). Complementarmente, faz-se menção aos Cultos de Doutrina, que aprofundam os princípios bíblicos e fortalecem a convicção espiritual da membresia. Além desses esforços, o Círculo de Oração, criado oficialmente em 1942, em Recife-PE (Araujo, 2011), consolidou-se como espaço de intercessão, comunhão e busca pela presença de Deus, especialmente entre as mulheres, exercendo papel vital na consolidação da fé pentecostal.

Com o crescimento das Assembleias de Deus, surgiu a necessidade de organização nacional e preservação de uma identidade comum. Assim, em 1930 foi organizada a primeira Assembleia Geral Nacional que somente em 1946 passou a ser conhecida como Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) (Araujo, 2011). Essa assembleia passou a reunir ministros de diferentes estados sob os mesmos princípios doutrinários e administrativos, a convenção tinha como intuito harmonizar as congregações e solucionar crises que existiam e que poderiam existir (Araujo, 2011).



Na defesa da fé e no esclarecimento de sua doutrina, a igreja investiu na produção de literatura própria, a exemplo de 1930, com o jornal Mensageiro da Paz (Araujo, 2011), meio oficial de comunicação que fortaleceu a voz da denominação e incentivou o conhecimento bíblico. Em 1940, foi fundada a Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD (Araujo, 2011) com o objetivo de publicar livros, revistas, comentários bíblicos e materiais apologeticos voltados à edificação e proteção da igreja contra heresias e desvios doutrinários. Esses instrumentos tornaram-se pilares da apologetica Assembleiana ao longo do século XX.

Ciente da importância de uma liderança preparada, a Assembleia de Deus criou meios de capacitação teológica e pastoral para seus obreiros. A exemplo das EBO (Escola de Obreiros), dos ELADS (Encontros de Líderes das Assembleias de Deus), trabalhos que ofereceram treinamentos bíblicos e práticos às lideranças de igrejas locais e convenções regionais. A partir deste ponto, queremos destacar a fundação do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD), em Pindamonhangaba (SP) no ano de 1958. O IBAD expandiu-se para uma instituição de prestígio e pioneira no ensino teológico assembleiano, como também, tornou-se responsável pela formação de milhares de líderes que hoje atuam em diversas partes do Brasil e do mundo, conforme destaca o site do IBAD (2025). Esse investimento na formação garante a continuidade e a integridade da missão da igreja nas próximas gerações.

Diante desses desafios, a Assembleia de Deus no Brasil, ao longo de sua história, dedicou-se à elaboração de documentos doutrinários, manuais e materiais de ensino que pudessem consolidar sua teologia e orientar seus membros. Essa busca por uma base doutrinária sólida não apenas fortaleceu a denominação internamente, mas também a capacitou a enfrentar os desafios teológicos e sociais de seu tempo, preparando o terreno para aprofundar-se nos pilares que definem sua fé.

2. OS QUATRO PONTOS TEOLÓGICOS DA DOUTRINA PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA

A Teologia Pentecostal Assembleiana se estrutura em torno de pilares doutrinários que não apenas definem sua fé, mas também orientam sua prática e missão. A mensagem dos missionários pioneiros ficou conhecida popularmente como “a mensagem quadrangular”.



Segundo o Mensageiro da Paz, de junho de 2011, a origem do lema “Jesus Salva, Jesus Cura, Jesus Batiza no Espírito Santo e Jesus em Breve Voltará” é atribuída ao pregador A. B. Simpson, que em 1890 havia escrito o livro *The Fourfold Gospel* (“O Evangelho Quadrangular”). Simpson identificou Cristo como Salvador, Santificador, Médico e Rei que está voltando.

Em julho de 1922, a pregadora norte-americana Aimee Semple McPherson, pioneira da Igreja do Evangelho Quadrangular, apregoou sobre a visão de Ezequiel 1.4–10, dos quatro querubins com quatro rostos, e viu ali uma tipificação do ministério de Cristo. Ela declarou: “O Evangelho Quadrangular”. A partir desse momento, McPherson tomou para si a ideia de uma mensagem quadrangular e pentecostalizou essa expressão. Porém, foi somente através do pioneiro Daniel Berg que o lema citado acima ganhou repercussão. Enfim, esses quatro pontos, embora distintos, estão interligados, formando um corpo doutrinário coeso que reflete a plenitude da obra de Cristo e a atuação do Espírito Santo na vida do crente e da Igreja.

2.1 Jesus salva

A doutrina da salvação é o alicerce da fé cristã. A salvação é compreendida como a libertação do pecado e de suas consequências, alcançada pela graça de Deus, mediante a fé na obra redentora de Jesus Cristo. Diferentemente de abordagens que enfatizam a predestinação incondicional, a Assembleia de Deus está alinhada à perspectiva arminiana, que enfatiza a liberdade do arbítrio humano e a universalidade da oferta da salvação, ou seja, a salvação é para todos que respondem ao chamado divino com arrependimento e fé (Soares, 2017).

Há dois pontos importantes que merecem destaque: Primeiro, a morte sacrificial de Jesus na cruz é o evento central da salvação (1 Pe 2:24). Este ato de amor divino possibilitou a reconciliação da humanidade com Deus (2 Co 5:18-19). Entendemos que Cristo morreu em lugar da humanidade, e seu sacrifício tem valor eterno (Hb 10:12), logo, a salvação que é um dom de Deus (Ef 2:8), não é alcançável por méritos humanos (Tt 2:11) e sim uma obra expressamente redentora de Cristo. Em segundo, na perspectiva arminiana, a graça de Deus é preveniente, ou seja, ela antecede a decisão humana, capacitando o indivíduo a responder ao evangelho. Essa graça, entretanto, não é irresistível.

Não existe graça irresistível. O homem através dos tempos tem resistido a Deus, por sua incredulidade e rebeldia [...] A ação do Espírito



Santo no pecador, para que se salve, é persuasiva, e não compulsória [...] (Gilberto, 2020, p. 370).

São pontos doutrinários de uma Teologia Pentecostal Assembleiana crer que a salvação é obra exclusiva da graça proveniente de Deus, realizada pelo sacrifício substitutivo e eterno de Cristo, oferecida a todos, mas que pode ser rejeitada pelo ser humano. A resposta humana à oferta divina de salvação é o arrependimento (2 Pe 3:9), que implica uma mudança de mente e de atitude em relação ao pecado, e a fé, que é a confiança plena em Jesus Cristo como o único caminho para Deus (Jo 14:6). Logo, a teologia pentecostal Assembleiana enfatiza a necessidade de uma experiência pessoal de conversão, onde o indivíduo, exercendo seu livre-arbítrio, decide entregar sua vida a Cristo (Mt 4:17). Essa fé não é meramente intelectual, mas uma entrega total da vida a Cristo, resultando em uma nova existência orientada pela obediência à sua Palavra (2 Co 5:17; Jo 14:15). Em consonância com esse ponto:

O arrependimento envolve uma completa mudança de pensamento sobre o pecado e a percepção da necessidade de um Salvador. O arrependimento faz o homem ficar tão contristado por causa do pecado, que ele aceita com alegria tudo o que Deus requer para uma vida de retidão. (Oliveira, 2020, p. 223)

Através deste breve ponto, salientamos que a Teologia Pentecostal Assembleiana crê que a salvação exige, da parte do ser humano, arrependimento genuíno e fé viva em Jesus Cristo, resultando em uma conversão pessoal que transforma a vida e conduz à obediência à Palavra de Deus. Pela fé em Cristo, o crente é justificado, declarado justo diante de Deus, não por méritos próprios, mas pela imputação da justiça de Cristo (Rm 5:1; 2 Co 5:21). De forma simultânea ocorre a regeneração, que é um novo nascimento espiritual operado pelo Espírito Santo, que transforma o coração e a natureza do indivíduo, capacitando-o a viver uma vida de santidade (Jo 3:3; Tt 3:5). Todavia, a teologia arminiana, presente na Assembleia de Deus, sustenta a possibilidade de que o crente, por sua própria escolha e persistência no pecado, pode apostatar da fé e, conseqüentemente, perder a salvação (Soares, 2017). Assim, perseverar na fé é entendido como uma responsabilidade contínua do crente, sustentada pela graça de Deus (Fp 2:12,13).

2.2 Jesus cura

A doutrina da cura divina ocupa um lugar central na teologia pentecostal, especialmente no contexto da Assembleia de Deus. Esta



crença não se baseia apenas em experiências contemporâneas, mas está firmemente alicerçada nas Escrituras Sagradas, que revelam a atuação contínua de Deus na vida do ser humano por meio da cura física, emocional e espiritual. Diferente da teologia cessacionista, que restringe os milagres e manifestações sobrenaturais ao período apostólico, a teologia pentecostal afirma a atualidade da cura divina como expressão contínua da graça e do poder de Deus atuando na história da Igreja. Essa compreensão, conforme a Declaração de Fé das Assembleias de Deus (Soares, 2017), fundamenta-se no ensino bíblico de que Cristo, em sua obra expiatória, não apenas providenciou a salvação, mas também incluiu a restauração física (Is 53:4,5; Mt 8:16,17). Assim, o estudo da cura divina sob a perspectiva pentecostal exige a análise de suas bases bíblicas, da relação com a expiação e de sua aplicação prática no contexto eclesialístico contemporâneo, especialmente como é vivenciada nas Assembleias de Deus.

Os fundamentos bíblicos desta doutrina estão enraizados nas Escrituras e expressam como um dos pilares da fé pentecostal. A cura divina é um ato de soberania, graça e misericórdia divina, que através do poder do Espírito Santo, restaura física e emocionalmente aqueles que demonstram fé em Jesus Cristo. (Soares, 2017). No AT, Deus se apresenta como aquele que cura o seu povo, deixando claro que a saúde física e emocional faz parte integrante da sua aliança com Israel. Em Êx 15:26, registra-se a declaração divina: “Eu sou o Senhor que te sara”, evidenciando que a cura está ligada ao cuidado de Deus para com os que lhe obedecem, não apenas como resultado de sacrifícios expiatórios, mas como fruto da fidelidade à aliança e da santidade de vida. O salmista reforça essa perspectiva ao proclamar: “Bendize, ó minha alma, ao Senhor... é ele que sara todas as tuas enfermidades” (Sl 103:2,3), enfatizando a cura como manifestação da bondade divina e de seu interesse pela restauração integral do ser humano. Em Jr 30:17, o Senhor reafirma: “Porque te restaurarei a saúde e curar-te-ei as tuas chagas”, revelando que a cura também simboliza a restauração espiritual e nacional de Israel. Essas passagens demonstram que, desde a antiguidade, a cura é entendida como uma ação direta de Deus, fundamentada em sua compaixão e fidelidade.

No NT, o ministério de Jesus Cristo é profundamente marcado por atos de cura que evidenciam a chegada do Reino de Deus. Em Mt 4:23, lê-se que Jesus “percorria toda a Galileia [...] curando todas as



enfermidades e moléstias entre o povo”, mostrando que a cura não apenas acompanha sua missão messiânica, mas também serve como sinal de sua autoridade divina e compaixão. Lucas 4:40 reforça essa dimensão prática ao afirmar que, “impondo as mãos sobre cada um deles, os curava”, destacando o caráter pastoral de Cristo, cuja atenção pessoal aos necessitados revela que a cura é também expressão do seu amor e cuidado individual. Além disso, a cura divina não se encerra com o ministério terreno de Jesus, pois em Mc 16:18, Ele promete que os que creem “imporão as mãos sobre os enfermos, e os curarão”, estabelecendo a continuidade dessa ação no contexto da igreja. Corroborando esse pensamento, a epístola de Tiago 5:14-15 orienta os presbíteros a orarem pelos enfermos com unção de óleo, assegurando que “a oração da fé salvará o doente”, evidenciando que a cura é uma prática eclesial legítima, sustentada pela fé e pela intercessão (Soares, 2017). Essa doutrina é ainda reforçada pela imutabilidade de Cristo, conforme Hebreus 13:8: “Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente”, uma verdade que assegura que o poder de curar não foi limitado ao passado, mas permanece ativo na igreja contemporânea.

A teologia pentecostal Assembleiana entende que a cura física e emocional está incluída na obra redentora de Cristo na cruz (Is 53:4,5). Assim como Jesus levou sobre si os nossos pecados, também carregou as nossas enfermidades, tornando a cura um direito do crente a ser recebido pela fé (1 Pe 2:24). A plenitude da redenção de Cristo abrange não apenas a alma, mas também o corpo (Mt 8:16,17), e que essa ação divina está disponível para os dias atuais (Tg 5:14,15; Sl 103:2,3). As Escrituras revelam que a cura divina é um dos benefícios da obra expiatória e redentora de Cristo. Ele proveu na Cruz tanto na Salvação da alma quanto a cura do corpo. Essa declaração evidencia que a cura divina faz parte da redenção integral realizada por Cristo, sendo um direito do crente a ser recebido pela fé. Dessa forma, a prática pentecostal valoriza a manifestação da cura como sinal da presença do Reino de Deus na igreja hoje. A cura divina é uma realidade nas igrejas Assembleianas, onde práticas como a oração pelos enfermos, a imposição de mãos e a unção com óleo são comuns (Tg 5:14,15; Mc 16:18). Além disso, testemunhos de curas milagrosas são frequentemente compartilhados em círculos de orações, vigílias, orações com mocidade e veículos de comunicações, fortalecendo a fé dos crentes e demonstrando o poder de Deus em ação (Lc 4:40; At 3:6-8).



Essa evidência empírica de curas divinas, tanto na história da Igreja quanto na contemporaneidade, constitui um argumento contundente contra a tese cessacionista, que frequentemente se apoia em uma interpretação restrita das Escrituras e na ausência de experiências pessoais com tais manifestações. A própria Bíblia afirma a continuidade dos dons espirituais, incluindo a cura, como em 1 Co 12:4-11, onde Paulo destaca a diversidade de dons concedidos pelo Espírito Santo para a edificação do corpo de Cristo. Além disso, Jesus promete em Mc 16:17-18 que sinais, como curar os enfermos, acompanharão aqueles que crerem. Não se pode deixar de mencionar relatos no livro “Diário do missionário Gunnar Vingren”, de inúmeros testemunhos de cura divina. Dentre esses, destaca-se o testemunho de uma mulher desenganada pelos médicos, já quase cega, que, após a oração do missionário, declarou: “Agora vejo as pessoas como nuvens.” Foi então realizada uma nova oração, e ela afirmou: “Agora eu vejo até as unhas das mãos das pessoas” (Vingren, 2000, p. 47). Esses fatos, aliados à clara fundamentação bíblica, reafirmam que a cura divina permanece vigente e operante na Igreja atual, invalidando a perspectiva cessacionista e fortalecendo a esperança dos fiéis na ação contínua do Espírito Santo.

2.3 Jesus Batiza no Espírito Santo

O Batismo no Espírito Santo é uma experiência central na teologia pentecostal Assembleiana, distinta da conversão e do novo nascimento. Este Batismo trata-se do revestimento de poder para o serviço cristão e para uma vida de maior eficácia espiritual, com um claro objetivo missionário. A evidência inicial e física desse Batismo é o falar em outras línguas, conforme registrado no dia de Pentecostes (At 2:4) e em outras passagens bíblicas com (At 10:44-46; 19:6).

A teologia pentecostal Assembleiana distingue claramente entre a conversão e o Batismo no Espírito Santo. A conversão é entendida como a porta de entrada para a vida cristã e uma experiência de salvação pela fé e arrependimento, pela qual o crente é regenerado e reconciliado com Deus, como ensina João 3:3-5. Essa transformação espiritual ocorre quando a pessoa, pela fé, recebe Jesus Cristo como Salvador, passando a ter seu nome escrito no Livro da Vida (Lc 10:20; Jo 15:3). A salvação é a milagrosa transformação da vida da pessoa que recebe a Cristo, e o Batismo no Espírito Santo não deve ser confundido com esta tão grande salvação.



Por outro lado, o Batismo no Espírito Santo é uma experiência distinta e subsequente, destinada a todos os que creem e buscam com fervor, conforme as promessas de Atos 1:5 e Atos 2:4. Ou seja, o Batismo no Espírito Santo não é sinônimo de salvação, mas um revestimento de poder sobrenatural para o serviço cristão, capacitando o crente para o testemunho e a missão evangelizadora (Lc 24:49; At 1:8). Essa experiência é descrita como uma imersão no espiritual e sobrenatural de Deus (Gilberto, 2025). No dia de Pentecostes, os discípulos já tinham os seus nomes escritos no livro da vida (Lc 10:20).

A conversão é marca do início da caminhada cristã e a salvação da alma, já o Batismo no Espírito Santo é uma capacitação espiritual especial que reveste o crente para ele cumprir plenamente sua missão na Igreja, em fidelidade às promessas bíblicas e à experiência pentecostal histórica, sobretudo para a obra da evangelização e missões.

A Obra da Evangelização não conta com o empréstimo ou com o arrendamento da presença do Espírito Santo; pelo contrário, o proclamador das Boas-Novas conta com essa real e valiosa presença habitando e atuando na sua própria vida, 24h por dia, em prol da evangelização. (Pereira, 2023, p. 118)

Portanto, o Batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais são instrumentos missiológicos essenciais. Eles existem para que a Igreja cumpra seu chamado de evangelizar “em Jerusalém, na Judeia, em Samaria e até os confins da terra” (At 1:8), com autoridade espiritual, discernimento e eficácia.

A evidência inicial do Batismo no Espírito Santo, segundo a teologia pentecostal clássica, é o falar em línguas. Essa manifestação está registrada em diversas passagens bíblicas, como Atos 2:4; 10:46 e 19:6 (ARC), e ocorre em duas formas principais: glossolalia e xenolalia. O termo “glossolalia” (At 2:4) significa literalmente “falar em línguas”; trata-se da manifestação em línguas estranhas, não compreendidas pela mente humana, mas direcionadas a Deus (1 Co 14:2). Já o termo “xenolalia” pode ser traduzido como “falar em língua estrangeira”. Diferentemente da glossolalia, refere-se ao falar em idiomas estrangeiros, mas desconhecidos pelo falante, como no evento de Pentecostes relatado em Atos 2:6-8 (ARC). As línguas estranhas são a evidência física inicial do batismo, ou seja, todos que são batizados no Espírito Santo falam em línguas no momento do Batismo (Gilberto, 2025). Por meio do falar em línguas, o crente edifica a si mesmo espiritualmente (1 Co 14:4), fala a



Deus diretamente na dimensão do Espírito Santo (1 Co 14:2) e louva e adora a Deus, inclusive cantando e dando graças (1 Co 14:15-17; Ef 5:19). Além disso, as línguas também são usadas para interceder na dimensão do Espírito Santo (Rm 8:26; Ef 6:18; Jd 20). Dessa forma, o falar em línguas, seja glossolalia ou xenolalia, é uma manifestação autêntica e contínua do Espírito Santo na vida do crente batizado, expressando a capacitação espiritual para o serviço e para a edificação da Igreja.

2.4 Jesus em breve voltará

A doutrina da Segunda Vinda de Cristo ocupa um lugar proeminente na teologia pentecostal Assembleiana. A crença na iminente volta de Jesus é um fator motivador para a santidade, o evangelismo e a esperança dos crentes. A Assembleia de Deus adota uma perspectiva escatológica que pode ser caracterizada como dispensacionalista, futurista, pré-tribulacionista e pré-milenista. O Dispensacionalismo é um sistema de interpretação bíblica que enfatiza a distinção entre Israel e a Igreja e a interpretação literal das profecias bíblicas. Divide a história da salvação em diferentes "dispensações" ou períodos de tempo, nos quais Deus se relaciona com a humanidade de maneiras distintas, testando-a em relação à sua obediência a uma revelação específica de Sua vontade. De acordo com Lawrence (1995, p. 28), o Dispensacionalismo ganhou grande reforço nas Assembleias de Deus no Brasil, sendo sistematizado em sete dispensações: Inocência, Consciência, Governo Humano, Patriarcal, Lei, Graça e Milênio. Ele aponta para oito alianças divinas que marcam esses períodos: Edênica (Gn 1.28); Adâmica (Gn 3.14-21); Noânica (Gn 9.1-17); Abraâmica (Gn 12.1-3); Mosaica (Êx 19.1-25); Palestínica (Dt 28.1 a 30.3); Davídica (2 Sm 7.16; 1 Cr 17.7; Sl 89.27; Lc 1.32,33); e a Nova Aliança (Lc 22.20).

Uma das características centrais desse sistema é o literalismo hermenêutico, que busca o cumprimento literal das profecias do Antigo Testamento, mantendo a distinção clara entre Israel e a Igreja, defendendo o Arrebatamento pré-tribulacional e o Reino Milenar (Germano, 2021). O Futurismo é uma abordagem interpretativa da profecia bíblica, especialmente do livro do Apocalipse, que entende que a maioria dos eventos proféticos descritos a partir do capítulo 4 de Apocalipse, ainda se cumprirá no futuro. Essa visão se opõe a outras correntes como o Preterismo (que vê as profecias como já cumpridas no passado), o Idealismo (que as interpreta simbolicamente, sem um cumprimento literal no tempo) e o Historicismo (que as vê como um



panorama da história da Igreja). Conforme Zibordi (2021), a Assembleia de Deus adota uma perspectiva futurista em sua escatologia (Ap 1.19). Para os futuristas, os juízos e acontecimentos descritos em Apocalipse, como a Grande Tribulação e o Milênio, são eventos literais que ocorrerão após o arrebatamento da Igreja.

O Pré-Tribulacionismo é a crença de que o arrebatamento da Igreja ocorrerá antes do período da Grande Tribulação. Esta doutrina constitui uma das pedras angulares da escatologia pentecostal e dispensacionalista, distinguindo-se de outras perspectivas, como o Meso-Tribulacionismo (arrebatamento durante a Grande Tribulação) e o Pós-Tribulacionismo (arrebatamento após esse período).

Em defesa dessa perspectiva, Lawrence Olson apresenta diversas justificativas, destacando, entre elas, a ausência de passagens bíblicas que afirmem de modo claro que a Igreja passará pela Grande Tribulação. Olson argumenta que o livro do Apocalipse, ao descrever os derradeiros sete anos do presente século (a chamada Septuagésima Semana de Daniel), não inclui a Igreja como participante desse período de juízo e ira. Além disso, ele cita promessas feitas às igrejas de Tiatira e Filadélfia, que sustentariam a ideia de que a Igreja será preservada do sofrimento vindouro, conforme Apocalipse 2:25-29 e Apocalipse 3:7-13 (Germano, 2021). Em síntese, tais argumentos fortalecem a convicção de que a Igreja será retirada da Terra antes do derramamento da ira divina que caracterizará a Grande Tribulação.

O Pré-Milenismo é a doutrina escatológica que sustenta que Jesus Cristo retornará antes do período de mil anos (o Milênio) mencionado em Apocalipse 20.4-6, para estabelecer seu reino literal e visível na Terra. Durante o Milênio, Cristo reinará com Seus santos, e haverá um período de paz e justiça sem precedentes. Esta é uma afirmação clara da posição pré-milenista da denominação. Zibordi (2018, p.489) detalha a segunda vinda em dois aspectos, a primeira parte da segunda vinda (nos ares) para noiva (2 Co 11:2), e a segunda parte como a vinda em Glória (à terra) como esposa (Ap 19:7).

Para concluir, citamos a base bíblica para esse entendimento que está em Apocalipse 20:4-6 (ARC), que revela o reinado dos santos com Cristo durante mil anos. Após esse período, ocorrerá a segunda ressurreição, que a teologia pentecostal interpreta como a ressurreição dos condenados para o juízo final, conforme João 5:29b (ARC). Aqueles que não ressuscitaram antes do término do Milênio (Apocalipse 20:5,



ARC^o) serão ressuscitados para o julgamento do trono branco, momento que precede a eternidade definitiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos explorar a Teologia Pentecostal Assembleiana, desvendando seus pilares teológicos fundamentais e contextualizando-os historicamente, desde suas origens globais até sua consolidação no Brasil. A análise demonstrou que o movimento pentecostal, impulsionado por experiências espirituais profundas e pela mensagem de seus pioneiros, cresceu exponencialmente, gerando a necessidade de uma sistematização doutrinária para consolidar a fé, garantir a unidade, fortalecer a apologética e formar lideranças capacitadas.

Os quatro pilares teológicos centrais, Jesus Salva, Jesus Cura, Jesus Batiza no Espírito Santo e Jesus em Breve Voltará, foram examinados sob o prisma da soteriologia Assembleiana, alinhada à perspectiva arminiana, que enfatiza a graça preveniente de Deus e a responsabilidade humana na resposta à salvação, que se manifesta em arrependimento, fé e perseverança. A doutrina da cura divina foi apresentada como uma manifestação contínua do poder de Deus, parte integrante da obra expiatória de Cristo e uma realidade vivenciada nas igrejas Assembleianas, refutando o cessacionismo. O Batismo no Espírito Santo foi distinguido da conversão, sendo compreendido como um revestimento de poder para o serviço cristão, com a glossolalia como evidência inicial e um propósito missiológico claro. Por fim, a escatologia Assembleiana foi delineada por uma visão dispensacionalista, futurista, pré-tribulacionista e pré-milenista, que motiva a santidade, o evangelismo e a esperança na iminente volta de Cristo.

Concluimos estas considerações, expondo que a Teologia Pentecostal Assembleiana se revela como um corpo doutrinário coeso e dinâmico, que não apenas moldou a identidade da maior denominação protestante do Brasil, mas continua a influenciar milhões de fiéis. A compreensão desses pilares é crucial para apreciar a sua herança doutrinária e seu impacto contínuo na cultura e na sociedade Brasileira. Sugerimos para futuras investigações a análise da centralidade de Jesus Cristo diante da mensagem dos pioneiros e seus desdobramentos em



diferentes contextos sociais e culturais, ampliando o escopo da pesquisa e sua relevância acadêmica e prática.

REFERÊNCIAS

Araújo, Israel de. **100 acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

Bartleman, Frank. **A história do avivamento Azusa**. 3. ed. Americana - SP: Impacto, 2016.

Bíblia de Estudo Pentecostal. 1. ed. Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

Dayton, Donald. **Raízes teológicas do pentecostalismo**. 1. ed. Natal-RN: Carisma Editora, 2018.

Germano, Altair. **Lawrence Olson e o Dispensacionalismo nas Assembleias de Deus no Brasil**. Blog do Pr. Altair Germano, 1 mar. 2021. Disponível em: <https://altairgermano.com.br/lawrence-olson-e-o-dispensacionalismo-nas-assembleias-de-deus-no-brasil/>. Acesso em: 9 ago. 2025.

Gilberto, Antonio. **Verdades pentecostais**. Rio de Janeiro: CPAD, 2025.

Gonçalves, José. **A glossolalia e a formação das Assembleias de Deus**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.

IBAD - Instituto Bíblico das Assembleias de Deus. **História institucional**. Disponível em: <https://ibad.com.br/institucional/#historia>. Acesso em: 01 ago. 2025.

Mensageiro da Paz, n. 1.513. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.



Oliveira, José de. **Breve história do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

Siqueira, Gutierrez Fernandes. **As origens pietistas da Assembleia de Deus do Brasil**. In: Teologia Pentecostal. 10 mar. 2020. Disponível em: <https://teologiapentecostalcom.wordpress.com/2020/03/10/as-origens-pietistas-da-assembleia-de-deus-do-brasil/>. Acesso em: 06 ago. de 2025.

Pereira, Shostenes. **Fundamentação Bíblica para a Evangelização**. Pernambuco: Bereia, 2023.

Soares, Ezequias. **Declaração de fé das Assembleias de Deus**. Recife: Bereia, 2017.

Zibordi, Ciro. **Por que a Assembleia de Deus é futurista?** YouTube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MSB_mvmtzis&t=136s&ab_channel=CiroZibordi-EBDeEscatologia. Acesso em: 9 ago. 2025.

